



revista cristã
última chamada

A Verdadeira Teologia do Domínio

Corrigindo Distorções Criadas em
torno desse Glorioso Mandamento



César Francisco Raymundo

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

[www.
revistacrista
.org](http://www.revistacrista.org)

A Verdadeira Teologia do Domínio

Corrigindo Distorções Criadas em
torno desse Glorioso Mandamento

César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

A Verdadeira Teologia do Domínio

Autor: César Francisco Raymundo

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem da Internet)

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Agosto de 2025

Índice

Sobre o Autor	07
Introdução	
O que é a Teologia do Domínio?	08
Capítulo 1	
A Verdadeira Teologia do Domínio	10
Quem Deve Exercer o Domínio?	14
O que é Dominar o Mundo?	16
Capítulo 2	
Como a Igreja Exerce Autoridade no Mundo Através do Serviço	18
A Verdadeira Teologia do Domínio Começa no Coração	
Através da Salvação	18
É Possível Tentar Transformar a Sociedade?	21
Desengajamento Cristão: A Heresia do Nosso Tempo	27
Capítulo 3	
A Teologia do Domínio na Prática	30
O Domínio Exercido na Política	30
O Domínio Exercido na Cultura	37
O Domínio Exercido na Justiça: "porque de Sião procederá a lei"	40
Capítulo 4	
Teologia do Domínio e Escatologia	44
Conclusão	
Teologia do Exílio ou Teologia do Domínio?	48
Obras importantes para pesquisa...	51

Sobre o autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976, em Londrina, Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos 13 anos e, na década de 1990, tornou-se membro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Com mais de trinta anos de estudo autodidata em teologia e filosofia, César se aprofundou em diversas vertentes teológicas, incluindo Historicismo, Preterismo Parcial, Pós-milenismo, Preterismo Completo, Idealismo, Dispensacionalismo e Pré-milenismo, sempre analisando as fontes originais de cada uma delas.

Ele propôs a **teoria da Escatologia Concreta**, visando a busca de um consenso na profecia bíblica com todas as correntes escatológicas unidas. Também propôs o **Conceito de História Interrompida** que pode ser encontrado em seu e-book intitulado **História Interrompida: O Freio do Mal e a Melhora do Mundo**.

César é amplamente reconhecido como mestre em seu campo, sendo um pensador crítico e profundo, comprometido em formar novas gerações de estudiosos e pensadores da fé cristã. Ele escreveu o primeiro **Comentário Preterista sobre o Apocalipse**, além de ser autor do primeiro **Dicionário de Escatologia do Preterismo** e da primeira **Bíblia de Estudo Preterista Parcial** do Brasil.

Atualmente tem se dedicado à produção de material teológico, como livros, folhetos e revistas, com o objetivo de divulgar a Boa Nova da Salvação em Cristo e apresentar uma visão alternativa e equilibrada sobre a escatologia, desafiando a visão tradicionalmente pessimista das igrejas.

Introdução

O que é a Teologia do Domínio?

Nos dias em que escrevo esta obra, tem se intensificado o debate e a busca por compreensão sobre a Teologia do Domínio. A Esquerda, em sua luta contra a extrema Direita, tem se empenhado em refutar essa corrente teológica, que é defendida por muitos pastores e líderes cristãos. Dentro dessa Teologia do Domínio, muitos afirmam com frequência e fervor que a Igreja deve conquistar o poder político, tanto no Brasil quanto no mundo, estabelecendo um Estado cristão, cujo governo seja fundamentado na Bíblia Sagrada.

É possível ouvir, com certa regularidade, declarações como:

“A Igreja deve governar sobre as instituições sociais e políticas das nações”.

No contexto brasileiro, por exemplo, é comum ouvir líderes religiosos dizendo:

“O Brasil é do Senhor Jesus. Povo de Deus, declare isso!”

Esse tipo de afirmação, que se popularizou inclusive em adesivos de carros, não é original, sendo, na verdade, uma influência doutrinária dos Estados Unidos. Essa linha de pensamento sustenta que os cristãos devem dominar o mundo antes do retorno de Cristo.

A base dessa ideia doutrinária vem de dois movimentos surgidos na América do Norte: o Reconstrucionismo Cristão, idealizado por Gary

North e R. J. Rushdoony, e a Teonomia. Ambos compartilham uma interpretação pós-milenista da profecia bíblica, a qual afirma que a Igreja conquistará o mundo antes da segunda vinda de Cristo. O objetivo do Reconstrucionismo é claro: controlar as instituições do mundo e convertê-las à Fé Cristã.

Em resumo, a Teologia do Domínio, o Reconstrucionismo e a Teonomia são correntes dentro do Cristianismo que defendem a extensão da autoridade de Deus a todas as áreas da sociedade, incluindo a política e a cultura. O Reconstrucionismo busca “reconstruir” a sociedade com base nos princípios bíblicos, enquanto a Teonomia defende que as leis de Deus — especialmente aquelas do Antigo Testamento — devem ser diretamente aplicadas nas leis civis. Essas correntes têm como objetivo estabelecer, de forma prática e abrangente, um “Reino de Deus” na Terra.

Para aqueles que já estão familiarizados com esses temas, gostaria de deixar claro que não estou me posicionando contra ou refutando tudo que os grandes teólogos que abordam a Teologia do Domínio escreveram ou falaram. Entre os teólogos do Reconstrucionismo, da Teonomia e da Teologia do Domínio, cito Gary North, R. J. Rushdoony e Kenneth L. Gentry Jr. Tenho publicado suas obras em diversas ocasiões. Reconheço a profundidade de seus ensinamentos sobre a “invasão” cristã na sociedade, mas é necessário, ao abordar esses conceitos, ter cautela quanto à maneira como eles são ensinados e aplicados; pois fomos chamados à fidelidade bíblica, não à militância ideológica. Lamentavelmente, muitos líderes religiosos têm partido para o lado da militância ideológica, tentando impor o Reino de Deus através da infiltração nas esferas do poder.

Capítulo 1

A Verdadeira Teologia do Domínio

O objetivo deste e-book é apresentar uma abordagem diferente sobre a Teologia do Domínio. Falo de uma “verdadeira” Teologia do Domínio, pois é fundamental diferenciá-la de algumas distorções que temos observado ao longo do tempo. A Teologia do Domínio deve ser analisada à luz das Escrituras Sagradas. Será que o Senhor Deus realmente ordenou aos cristãos que dominem a ponto de retirar o controle político e cultural das mãos de Seus inimigos? Para responder a essa questão à luz da Bíblia, é necessário investigar a origem dessa ideia e compreender de onde surge a Teologia do Domínio.

O texto base usado para defender a Teologia do Domínio encontra-se no início da Bíblia:

“Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; **tenha ele domínio** sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, a imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou, e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; **dominai** sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra”.

- Gênesis 1:26-28 – o grifo é meu.

“O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo”.

- Gênesis 2:15

Com base nos dois acima, é evidente que há um fundamento sólido para a chamada Teologia do Domínio. O ser humano foi claramente incumbido por Deus de dominar e sujeitar a Terra. Contudo, alguns críticos alegam que esse mandato se limita ao domínio sobre a natureza — animais, ambiente e recursos naturais — e não se estende ao governo sobre outros seres humanos ou às estruturas sociais e políticas.

O equívoco dessa crítica, porém, está em ignorar que as Escrituras não se encerram no Gênesis. A revelação bíblica se desenvolve, e ao longo dela vemos esse princípio de domínio sendo ampliado, aprofundado e aplicado a todas as esferas da vida humana.

Veja a seguir alguns versículos que mostram a realidade da bíblica Teologia do Domínio.

O Salmos 8:4-6 fala sobre a dignidade do ser humano e mostra que o mesmo foi coroado com autoridade sobre a criação:

“Que é o homem mortal, para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites? Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste. **Fizes-te com que ele tivesse domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés**”.

- O grifo é meu.

Daniel 7:27 mostra o Reino de Deus entregue aos santos para governarem com Cristo:

“E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu

reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão”.

Em Apocalipse 5:10 temos a confirmação desse reinado com Cristo sobre a terra:

“E para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra”.

Este texto é uma profecia de domínio literal e terrestre por parte dos redimidos.

A Grande Comissão em Mateus 28:18-20 embora foque no discipulado, é interpretada como uma autorização para exercer influência em todas as nações e esferas da sociedade:

“É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide, ensinai todas as nações (...)”.

Embora seja um texto que fale sobre a ressurreição, Romanos 8:19-21 fala que a criação aguarda a manifestação dos filhos de Deus. A ideia de que a restauração da criação virá através da atuação dos filhos de Deus na história está implícita:

“Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus. Porque a criação ficou sujeita à vaidade (...) na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção para a liberdade da glória dos filhos de Deus”.

A Vinda do Reino de Deus é uma resposta da oração do Pai nosso (Mateus 6:10) e indica que vontade de Deus que já é feita no Céu, também será feita na Terra. Está nessa oração está implícito o desejo de que o governo de Deus se manifeste na Terra. Alguns interpretam

que isso envolve os cristãos atuando ativamente para trazer os valores do Reino para as estruturas terrenas (governo, cultura, educação...).

O texto 1^a Coríntios 15:24-25 sugere um processo histórico de subjugação dos inimigos de Deus antes do fim. Alguns enxergam aí uma atuação progressiva da Igreja junto com Cristo, pois Ele reinará até que todos os inimigos sejam postos debaixo dos seus pés:

“Depois virá o fim, quando tiver entregado o Reino a Deus, o Pai, quando houver aniquilado todo império, e toda potestade e força. Porque convém que reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés”.

O texto de Efésios 1:22-23 diz que tudo está debaixo dos pés de Cristo, que é a Cabeça da Igreja. Se a igreja é o Corpo de Cristo e todas as coisas estão debaixo dos pés Dele, a Igreja participa, de forma implícita, desse governo espiritual. O resultado é que os cristãos verdadeiros “reinarão em vida” (Romanos 5:17). Embora esse texto seja frequentemente interpretado espiritualmente, alguns leem que seja uma promessa implícita de autoridade aqui e agora.

Provérbios 29:2 fala sobre o governo civil (ou qualquer outra forma de governo), pois “quando os justos governam, alegra-se o povo; mas quando o ímpio domina, o povo geme”. Este é um princípio geral de sabedoria, mas alguns o tomam como base implícita para a ideia de que os justos deveriam buscar cargos de autoridade.

Apocalipse 2:26 fala sobre a autoridade sobre as nações:

“Ao que vencer e guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei poder sobre as nações”.

Embora apocalíptico e simbólico, o texto sugere que os vencedores em Cristo receberão alguma forma de autoridade — implicitamente, isso pode apoiar ideias dominionistas.

Por fim, Hebreus 2:8 diz que “todas as coisas lhe sujeitaste debaixo dos pés. Ora, visto que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou que não lhe esteja sujeito. Mas agora ainda não vemos que todas as coisas lhe estejam sujeitas”. O texto sugere que há uma tensão entre o que já foi conquistado por Cristo e o que ainda será visivelmente manifestado. Muitos veem isso como um processo histórico em andamento, no qual a Igreja participa.

Independentemente da interpretação adotada, todos os versículos citados apontam, de alguma forma, para um domínio exercido por Cristo com a participação ativa dos cristãos. Cada um deles amplia e reforça o princípio estabelecido em Gênesis 1:28, onde Deus concede ao ser humano o mandato de sujeitar e governar a terra — fundamento da verdadeira Teologia do Domínio.

Quem Deve Exercer o Domínio?

Deus deu ao ser humano a responsabilidade de dominar a criação em Gênesis 1:28, e isso aconteceu antes da entrada do pecado no mundo. Ou seja, essa tarefa foi designada a pessoas santas, alinhadas com a vontade de Deus. No entanto, esse domínio nunca foi para ser exercido de forma autônoma ou absoluta, já que somente Deus possui soberania total. O papel do ser humano sempre foi o de administrar a criação dentro dos limites e orientações estabelecidos por Deus.

A queda da humanidade começou justamente quando Adão e Eva aceitaram a mentira de Satanás, que os levou a desejar um tipo de autoridade que ultrapassava o que lhes havia sido concedido. Eles deixaram de aceitar o domínio subordinado a Deus e buscaram, de forma rebelde, ocupar o lugar do próprio Criador.

Mesmo após esse fracasso, Deus continuou a desenvolver Seu plano. O domínio sobre a terra, que havia sido confiado a Adão, foi mais tarde reafirmado em Israel, quando Deus deu à nação a terra prometida. Assim, Israel foi chamado a dar continuidade à missão original: governar sob a autoridade Divina e cumprir o propósito que o primeiro homem deixou de cumprir.

Israel, no entanto, falhou em cumprir sua missão. Em vez de ser luz para as nações e governar conforme a justiça de Deus, afastou-se repetidamente da Aliança. Por causa dessa infidelidade, Jesus declarou que o Reino de Deus seria tirado deles e entregue a outro povo que produzisse os frutos esperados:

“Portanto, eu vos digo que o Reino de Deus vos será tirado e será dado a um povo que dê os seus frutos”.

— Mateus 21:43

Esse novo povo é a Igreja, composta por judeus e gentios redimidos, chamados para ser uma “nação santa” e um “reino de sacerdotes” — retomando o propósito original dado tanto a Adão quanto a Israel.

Mesmo após a Queda de Adão e Eva no pecado, o padrão de Deus permanece o mesmo: Ele deseja que pessoas santificadas exerçam autoridade sob Sua direção. Isso se reflete claramente no chamado da Igreja no Novo Testamento:

“Mas vós sois geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz”.

— 1ª Pedro 2:9

E também:

“E para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra”.

— Apocalipse 5:10

Esses textos mostram que o plano de Deus não mudou: Ele continua a formar um povo que viva em santidade e, sob Seu governo, exerça influência e liderança no mundo.

O que é Dominar o Mundo?

A Igreja, como Corpo de Cristo, foi escolhida para cumprir o papel de exercer domínio sobre o mundo — não com poder tirânico, mas com autoridade que reflete a justiça, a graça e a verdade do Reino de Deus.

Quando se fala que a Igreja foi chamada para exercer domínio sobre o mundo, é essencial entender o que a Bíblia realmente quer dizer com essa palavra, tanto no hebraico (Antigo Testamento) quanto no grego (Novo Testamento). No domínio original descrito em Gênesis 1:28, a palavra “dominar”, no original hebraico, é “radá” (רָדָה). Essa palavra carrega a ideia de “governar, administrar ou supervisionar com responsabilidade”. Em seu uso mais comum nas Escrituras, “radá” não indica tirania ou opressão, mas sim liderança cuidadosa, como a de um pastor sobre o rebanho ou de um rei justo sobre seu povo.

Portanto, o domínio dado ao ser humano por Deus não era abusivo, mas refletia o caráter de um Criador amoroso: liderar com sabedoria, cuidar e fazer florescer a criação.

Em Mateus 20:25-28 vemos a distorção do domínio. O Senhor Jesus confronta diretamente a forma como o mundo exerce domínio:

“Os governantes das nações dominam sobre elas, e os poderosos exercem autoridade de forma opressiva. Mas entre vocês não será assim. Ao contrário, quem quiser tornar-se grande entre vocês

deverá ser servo; e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo de todos”.

Aqui, a palavra usada no grego para “dominar” é “katakryieuo” (κατακρυιεύω), que significa “senhorear, controlar com dureza, oprimir”. Jesus faz uma clara distinção: os filhos de Deus não devem exercer liderança como o mundo faz, com autoritarismo ou egoísmo. O modelo de Jesus é o domínio pelo serviço. O próprio Jesus é o modelo perfeito de liderança:

“Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”.

— Mateus 20:28

Portanto, o verdadeiro domínio cristão não diz respeito à busca por poder, mas sim ao cumprimento de um propósito redentor. É um chamado para servir com humildade, liderar com justiça e influenciar com amor, à semelhança de Cristo. A autoridade da Igreja no mundo deve refletir o caráter do Rei Servo, e não os modelos autoritários dos impérios terrenos.

Criado à imagem e semelhança de Deus (Gênesis 1:26–28), o ser humano foi designado para exercer domínio sobre a criação — não como tirano, mas como administrador fiel e responsável. No entanto, o primeiro Adão falhou em sua missão ao desobedecer e tentar usurpar a soberania divina.

Já o segundo Adão, Jesus Cristo, assumiu perfeitamente esse papel. Em obediência ao Pai, Ele restaurou o propósito original da humanidade, e a partir Dele, formou a Igreja — Seu corpo, feito à Sua imagem e chamado a manifestar o Reino de Deus no mundo.

Capítulo 2

Como a Igreja Exerce Autoridade no Mundo Através do Serviço

Neste capítulo, explorarei como a Igreja exerce sua influência no mundo de maneira sutil e sem imposição, sem recorrer à militância ideológica ou à invasão de instituições públicas programadas. A chave para compreender esse domínio está em um ponto central, que faz toda a diferença quando se trata de sua atuação e impacto.

A Verdadeira Teologia do Domínio Começa no Coração Através da Salvação

“Esta afirmação é fiel e digna de toda aceitação: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o pior”.

- 1ª Timóteo 2:15

Este versículo é o tema Central do Evangelho. O ponto crucial para toda transformação em todas as esferas da vida reside no coração humano. A Bíblia nos ensina, em Jeremias 17:9-10, que “o coração é mais enganoso que qualquer outra coisa, e a sua doença é incurável. Quem é capaz de compreendê-lo?” Em outra tradução, é dito que o coração, além de enganoso, é “desesperadamente corrupto”. O texto deixa claro que a profundidade da Queda no pecado é tamanha que

nem mesmo somos capazes de nos conhecer verdadeiramente. É aqui que todas as ideologias erram, pois não consideram que o problema do ser humano não está na educação, no ambiente em que vive, na riqueza ou na pobreza, mas o mal reside dentro de cada um de nós. Por isso, Paulo afirma em Romanos 3:10-12 que “não há nenhum justo, nem um sequer; não há ninguém que entenda, ninguém que busque a Deus. Todos se desviaram, tornaram-se juntamente inúteis; não há ninguém que faça o bem, não há nem um sequer”. Com esse entendimento sobre a profunda corrupção da natureza humana, vemos que a mudança do coração humano é uma tarefa praticamente impossível por si só. Sem a intervenção do poder de Deus, a transformação interior parece inalcançável. Apenas o poder Divino pode renovar o coração e guiar o ser humano para o verdadeiro arrependimento e mudança.

Para que haja verdadeira mudança nesse coração “desesperadamente corrupto”, é indispensável o Novo Nascimento (João 3). Essa transformação sobrenatural ocorre quando o Espírito Santo age no indivíduo, fazendo-o nascer de novo, tornando-o uma nova criação em Cristo. Como está escrito:

“Se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram, e eis que tudo se fez novo”.

- 2ª Coríntios 5:17

Só por meio desse processo Divino é que o coração humano pode ser renovado, purificado e redirecionado para a verdadeira vida em Deus. O Senhor prometeu em Ezequiel 36:26:

Darei a vocês um coração novo e porei um espírito novo em vocês; tirarei de vocês o coração de pedra e lhes darei um coração de carne”.

É fato bíblico que depois da Vinda de Cristo milhões e milhões de pessoas puderam testemunhar a nova vida em Cristo Jesus. É um

numero incalculável de pessoas que fora alcançadas pela Graça de Deus em Cristo Jesus. O próprio apóstolo Paulo que foi um terrível perseguidor da Igreja disse de si mesmo:

“...a mim que anteriormente fui blasfemo, perseguidor e insolente. Deus, porém, foi misericordioso comigo, pois, sendo ignorante, agi em incredulidade”.

- 1ª Timóteo 1:13

Quando a graça de Deus alcança verdadeiramente o coração do ser humano, não há como permanecer o mesmo. A mensagem do Evangelho, quando recebida com fé e sinceridade, não apenas informa — ela transforma. O homem natural, outrora dominado por seus impulsos, torna-se uma nova criatura. O que antes blasfemava sem temor agora reverencia o nome de Deus. Aquele que vivia entregue aos prazeres e vícios é resgatado de sua escravidão interior e aprende a viver em sobriedade, pureza e amor.

A verdadeira conversão, produzida pelo novo nascimento em Cristo, é visível e real. Não se trata de uma mudança superficial, mas de uma nova vida. O egoísta aprende a servir, o violento se torna manso, o orgulhoso aprende a humildade. Homens e mulheres que antes eram motivo de sofrimento e vergonha para suas famílias, agora se tornam exemplo de paciência, bondade e integridade. Esse é o milagre da graça: libertar da culpa, quebrar correntes de hábitos destrutivos e fazer de cada regenerado um cidadão útil, um servo fiel e um reflexo da luz de Cristo no mundo.

A história da humanidade também nos mostra que o pecado não faz acepção de pessoas. Reis, líderes e pessoas influentes, ao rejeitarem a verdade, foram arrastados por sua própria injustiça, trazendo ruína sobre si e sobre os que estavam sob seus cuidados. Contudo, quando mesmo os grandes deste mundo se curvam diante do poder do Evangelho, suas vidas são redimidas, e suas ações passam a refletir justiça, misericórdia e verdade.

Esse é o poder da pregação da Cruz: não apenas informar sobre um Salvador crucificado, mas operar uma mudança profunda no ser humano, levando-o a abandonar as obras das trevas e a andar como filho da luz. Pois onde Cristo reina, o pecado perde o domínio, e a vida passa a ser vivida com propósito eterno.

Foi com base nessa graça transformadora, que alcança e renova o coração do ser humano, que o apóstolo Paulo buscou impactar não apenas indivíduos, mas toda a sociedade.

É Possível Tentar Transformar a Sociedade?

Muito se fala sobre transformar o mundo através da política, da economia ou da reestruturação de sistemas sociais. Muitos acreditam que se trocarmos o modelo — seja ele capitalista, socialista ou outro — os problemas da humanidade serão resolvidos. Mas essa visão ignora uma verdade essencial: o sistema por si só não transforma ninguém. O que realmente muda o rumo da sociedade é a transformação do coração humano conforme vimos no tópico anterior.

De nada adianta alterar leis, políticas ou instituições se os indivíduos continuam presos ao egoísmo, à ganância e à indiferença. Uma sociedade justa e saudável não nasce apenas de boas estruturas, mas de pessoas renovadas por dentro — pessoas que amam o próximo, que agem com integridade e que se importam sinceramente com o bem-estar coletivo.

Ideologias políticas podem propor caminhos diferentes, mas nenhuma delas é suficiente se o ser humano continuar sendo o mesmo por dentro. A Esquerda pode buscar igualdade, mas se não houver compaixão genuína, ela pode se perder em autoritarismo. A

Direita pode defender a liberdade, mas se o coração for egoísta, essa liberdade será usada apenas em benefício próprio.

Por isto, não adianta um sistema chamado “Brasil calvinista”, “Brasil arminianista” baseado em Calvinismo, Arminianismo ou em qualquer outro “ismo” da ideologia humana.

É por isso que a mensagem do Evangelho é tão poderosa. Ela não começa com leis nem com sistemas, mas com a renovação interior. Jesus não veio propor um novo regime político — Ele veio transformar o ser humano de dentro para fora. E quando isso acontece, tudo ao redor começa a mudar também.

A verdadeira revolução não é partidária nem ideológica — é espiritual. Quando o coração do ser humano é alcançado pela graça de Deus, nasce uma nova maneira de ver o mundo, de tratar o próximo, de viver. E é assim que uma sociedade inteira pode ser restaurada: uma vida de cada vez.

Em última análise, a esperança para o mundo não está apenas em reformas externas, mas na transformação profunda de cada indivíduo. Quando essa mudança acontece, o sistema, seja qual for, se torna apenas um instrumento — porque quem o conduz agora é alguém com um novo coração.

Veja o exemplo da carta de Paulo a Filemom. Onésimo, escravo de Filemom, havia fugido, e o apóstolo pede que seu senhor o receba de volta “não mais como escravo, mas, acima de escravo, como irmão amado. Para mim ele é um irmão muito amado, e ainda mais para você, tanto como pessoa quanto como cristão” (Filemom 1:16). Essa fuga provavelmente ocorreu porque o Evangelho já começava a criar raízes profundas no coração dos novos convertidos, levando-os a compreender que todos os seres humanos foram criados para a liberdade. Filemom, um homem cristão e abastado, possuía escravos,

e Onésimo, ao ouvir e crer no Evangelho, deve ter entendido que, diante de Deus, todos são iguais — e, por isso, fugiu.

Na carta, encontramos uma das ideias mais revolucionárias da história: um escravo é chamado de “irmão” e sua liberdade é solicitada. É inegável que esse ensino cristão contribuiu para ampliar o conceito de irmandade entre os homens, até resultar, com o tempo, no fim da escravidão daquele período. Assim é que a transformação social ocorre: gradualmente, a partir da renovação dos corações, e não por imposição de leis ou decretos. É o próprio Estado que, diante de uma sociedade transformada, acaba se curvando a essa nova realidade.

Falando de forma prática, uma teologia verdadeiramente poderosa é aquela que ensina a necessidade de moldar a sociedade de acordo com a Palavra de Deus. Infelizmente, a igreja evangélica brasileira, em grande parte, adotou uma visão pessimista a respeito do presente e do futuro. Com isso, abandonou-se quase por completo o esforço de construir uma sociedade cristã.

Muitos passaram a encarar a vida cristã como uma espécie de pietismo: nesse pensamento, o cristão considera o mundo ao redor como algo de importância mínima, concentrando-se apenas em melhorar a própria alma. Trata-se de uma postura radicalmente individualista e com traços de gnosticismo, que evita o engajamento político, despreza o exercício do domínio e, por vezes, ainda acrescenta mandamentos à lei de Deus. Essa atitude, contudo, não deve jamais ser confundida com verdadeira piedade. A piedade bíblica é algo bom e necessário: é santidade de caráter, zelo por crescer em graça e sabedoria, e disposição para produzir abundantemente o fruto do Espírito.

Muitos não percebem que o apóstolo Paulo não apenas buscou transformar o panorama social e político de seu tempo — ele, de fato, conseguiu. Em seus ensinamentos, tratou de temas como ética sexual,

ordem e organização da Igreja, dons espirituais, qualificações de presbíteros e diáconos, relacionamento entre marido e esposa, estrutura familiar e criação de filhos, função do governo, vida de oração, escatologia, relações entre patrões e empregados, entre outros. Tudo o que Paulo ensinou — da vida doméstica à esfera pública — estava profundamente enraizado em Jesus Cristo e na Sua obra redentora. Seu anseio de impactar a cultura, bem como o êxito alcançado, tinha como fundamento o Cristo crucificado.

Quando se diz sobre mudar a sociedade, deve-se ter primeiramente uma noção do que significa essa palavra. Sociedade é o conjunto organizado de pessoas que vivem e interagem segundo regras e objetivos comuns. Obviamente, se as pessoas são transformadas pelo Evangelho, em pouco tempo teremos uma sociedade inteira transformada. Quando o apóstolo Paulo ensinou que “Deus... manda que todos os homens em todo lugar se arrependam” (Atos 17:30), ele estava procurando trazer a mudança mais fundamental na sociedade: o coração mudado de cada pessoa. É fato que a Fé Cristã reorienta radicalmente a vida errada das pessoas (cf. Salmos 37:4; Provérbios 29:25; Lucas 1:74; Hebreus 2:15). Somente através da mudança de cada pessoa temos base para qualquer mudança que acontecerá na sociedade como um todo. Até mesmo aqueles que não se convertem, mas vivem dentro de uma sociedade genuinamente cristã, acabam sendo santificados. Isso é semelhante aquela santificação de 1ª Coríntios 7:14, quando o apóstolo afirma que o “marido incrédulo é santificado por meio da esposa”, e vice-versa. Isso significa que, quando um cônjuge é crente e o outro não, a presença do cônjuge crente tem um efeito santificador sobre o não crente, levando a um ambiente de santidade no lar. Essa santificação é relativa e não significa que o cônjuge não crente é automaticamente salvo.

Sem sombra de dúvidas podemos crer que a única forma da Igreja exercer domínio sobre o mundo é através do serviço da pregação do Evangelho e seu apelo para a obediência que muda radicalmente as pessoas (cf. 1ª Coríntios 6:11).

Na obra que Cristo faz na pessoa, o primeiro nível da sociedade que é alcançado e transformado é a família. Paulo ensinou muito sobre a família (1ª Coríntios 5:1, 7:1-9, 11:2-16; Efésios 5:21; 6:4; Colossenses 3:18-21; 1ª Tessalonicenses 4:3-7; 1ª Timóteo 3:2, 4; Tito 1:6). Da família partimos para a Igreja. O apóstolo Paulo em seu ensino sobre como a Igreja deve ser fala sobre anciãos, diáconos, a disciplina da Igreja, a Ceia do Senhor, o batismo, o cuidado das viúvas e órfãos e muito mais. Uma Igreja forte, rica em boas obras e sadia no ensino influencia a sociedade ao seu redor.

Enfim, quando falo em transformação social, não me refiro a uma mudança total e imediata. Creio que, ao longo da história, cada membro da sociedade será alcançado e convertido. A Bíblia atesta que a grande maioria dos homens vivos será salva, pois, gradualmente, o Evangelho alcançará um sucesso crescente antes do retorno de Cristo. Isso produzirá, de forma única na história, uma era em que a fé, a justiça, a paz e a prosperidade prevalecerão nos assuntos dos homens e das nações.

Sobre isso o profeta Isaías escreveu:

“Nos últimos dias o monte do templo do Senhor será estabelecido como o principal; será elevado acima das colinas, e todas as nações correrão para ele.

Virão muitos povos e dirão: "Venham, subamos ao monte do Senhor, ao templo do Deus de Jacó, para que ele nos ensine os seus caminhos, e assim andemos em suas veredas". Pois, a lei sairá de Sião, de Jerusalém virá a palavra do Senhor.

Ele julgará entre as nações e resolverá contendas de muitos povos. Eles farão de suas espadas arados, e de suas lanças foices. Uma nação não mais pegará em armas para atacar outra nação, elas jamais tornarão a preparar-se para a guerra.

- Isaías 2:2-4

“Todos os confins da terra se lembrarão e se voltarão para o Senhor, e todas as famílias das nações se prostrarão diante dele, pois do Senhor é o reino; ele governa as nações.

Todos os ricos da terra se banquetearão e o adorarão; haverão de ajoelhar-se diante dele todos os que descem ao pó, cuja vida se esvai.

A posteridade o servirá; gerações futuras ouvirão falar do Senhor,³¹ e a um povo que ainda não nasceu proclamarão seus feitos de justiça, pois ele agiu poderosamente”.

- Salmos 22:27-31

O sucesso do Evangelho não pode ser medido em termos de resultados imediatos durante nosso tempo de vida. Além de abençoar o tempo presente com todos os nossos esforços e serviços, devemos ter uma visão de longo prazo, assim como os islâmicos e os comunistas conhecem muito bem e sabem que funciona. Tanto sabem que a visão bíblica da tomada do domínio do mundo gradualmente pela Igreja foi absorvida pelos inimigos de Deus. Uma perversão secularizada dessa visão do Reino de Deus deu aos marxistas nos séculos XIX e XX a confiança do domínio mundial que antes era possuído pelos cristãos. Karl Marx disse:

“O trabalhador deve um dia aproveitar o poder, a fim de erigir a nova organização do trabalho... Se ele não quer sofrer a perda do céu na terra, assim como os antigos cristãos que negligenciaram e desprezaram”.¹

Se não mostrarmos serviço em prol do Reino de Deus para dominar o mundo, Deus pode permitir que nossa geração de infieis morra no deserto, assim como aconteceu com os israelitas no deserto que foram incrédulos e não conquistaram Canaã. Então Deus gerará

¹ Karl Marx, “Address at the Hague Congress,” (1872) see a version here; Quoted in Dennis Peacocke, *Winning the Battle for the Minds of Men* (Santa Rosa, CA: Alive and Free, 1987), p. xi. Citado em *Postmillennialism and Apologetics* por Mike Warren. Site: www.christianciv.com/blog/ Acessado Segunda-feira, 19 de Junho de 2017

outras gerações que serão cativadas pela visão de domínio do Reino neste mundo e isso gradualmente transformará cada nação da Terra em uma cidade brilhante que seja vista no alto da colina refletindo a Glória a Deus.

O fato é que Deus sempre esteve ativo em Seu Reino transformando culturas em todo o mundo. Onde quer que olhemos, a Fé Cristã teve um incrível poder transformador. Temos atualmente uma onda de ataques aos valores cristãos na sociedade demonstrando que as visões de mundo opostas a Fé Cristã (humanismo, aborto, estatismo, ateísmo, socialismo, comunismo) estão em oposição direta à rica herança da Fé Cristã no mundo ocidental. Nossa liberdade e benefícios que temos hoje vêm dessa rica herança cristã maravilhosa e é o resultado de cristãos que trabalharam muito dando suas vidas pelo domínio do mundo para Cristo.

Desengajamento Cristão: A Heresia do Nosso Tempo

Tem havido um afastamento gradual — e em muitos casos, deliberado — por parte dos cristãos no que diz respeito à aplicação da Palavra de Deus a todas as áreas da vida, especialmente de forma que promova transformações duradouras. Esse desengajamento tem como causa principal a crença de que estamos vivendo os momentos finais da história e que o Arrebatamento Secreto está prestes a acontecer. Para uma grande parcela da igreja evangélica, essa é vista como a única esperança.

A expectativa de um arrebatamento iminente tem esvaziado a Igreja de seu chamado para transformar o mundo ao seu redor com a poderosa mensagem de que Cristo está restaurando todas as coisas. A base dessa visão de mundo escatológica é frágil, não porque eventos proféticos não possam ocorrer, mas porque ela é construída sobre

previsões que se assemelham mais a marés do que a certezas Divinas. Marés são previsíveis, mas os supostos cronogramas do caos mundial apresentados como “profecias infalíveis” não são, nunca foram e jamais serão. Mestres em escatologia frequentemente trabalham com datas erradas, e muitas gerações de cristãos os têm seguido cegamente.

É lamentável que, mesmo diante de tantas previsões falhas, muitos ainda construam seus “castelos proféticos” sobre a areia — insistindo em calendários apocalípticos repetidamente equivocados. O mundo está, sim, repleto de problemas, mas isso não é novidade. O caos, as guerras, os desastres e as doenças têm marcado a história da humanidade desde seus primórdios. Ainda assim, há quem insista que o fim está próximo a cada novo evento global.

Livros especulativos sobre o Arrebatamento Secreto e o fim dos tempos se acumulam há séculos nas livrarias cristãs. Muitos dos eventos descritos nessas obras já ocorreram há dois milênios, conforme o próprio Senhor disse: “Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça” (Mateus 24:34). No entanto, por causa de interpretações equivocadas das profecias bíblicas, cristãos continuam a viver um ciclo de ansiedade apocalíptica, como se todos os dias fossem o prenúncio do fim. Cada terremoto, guerra, onda de calor ou novo alerta médico é recebido como se fosse mais uma batida do relógio do Juízo Final.

Com isso, perdeu-se o “andar superior”, que é o mundo da fé viva e transformadora. A Igreja se retirou da arena pública e permitiu que os ímpios assumissem o controle da cultura e da política. E o pior: muitos aceitaram essa condição como algo inevitável, como se fosse parte do plano Divino que o mal prevalecesse até o fim. Assim, a mentalidade escapista selou a omissão da Igreja — não por incapacidade, mas por falta de visão e fé no poder do Reino de Deus em ação na história.

A expectativa de simplesmente ir para o Céu, como única esperança cristã, revela uma postura de impotência e derrota diante do mundo. No entanto, essa não foi sempre a visão predominante. Durante grande parte da história da Cristandade, cada aspecto da vida — desde a política até as artes, da educação à economia — era considerado um campo legítimo para a aplicação da Palavra de Deus, mesmo entre aqueles que não professavam Jesus como Senhor e Salvador. Havia uma compreensão generalizada de que o mundo funcionava como funcionava porque Deus o havia ordenado assim. Essa perspectiva permitiu que a civilização ocidental florescesse sob os fundamentos cristãos.

Com o passar do tempo, no entanto, muitas pessoas passaram a crer que a realidade era regida por forças impessoais. Deus foi sendo empurrado para fora do centro, tornando-se desnecessário em um universo mecanicista. A figura do “relojoeiro cego” passou a simbolizar essa nova cosmovisão, onde o acaso ou leis naturais frias comandavam todas as coisas.

A reação de muitos cristãos diante disso não foi de confronto, mas de acomodação. Reformulou-se a teologia de modo a criar uma separação entre o sagrado e o secular. A fé foi relegada ao âmbito privado e devocional, enquanto as esferas públicas da cultura, da ciência e da política foram entregues à lógica do mundo. Junto com essa divisão, uma escatologia pessimista se consolidou, ensinando que os cristãos deviam apenas aguardar o Arrebatamento iminente — um escape do mundo ao invés de uma transformação dele. Essa mentalidade afastou a Igreja de seu chamado cultural e deu aos fiéis a ilusão de que seu papel profético era apenas observar o colapso da sociedade do alto de um trono celestial imaginário.

Capítulo 3

A Teologia do Domínio na Prática

Dentre as muitas áreas de atuação humana, neste capítulo decido tratar especificamente da influência da Igreja na política e na cultura. Essas duas esferas moldam profundamente a sociedade e não podem ser ignoradas pela fé cristã.

A fé começa no coração — o centro da vida humana, de onde fluem tanto os problemas quanto a transformação. É ali que o Reino de Deus se inicia, mas ele não permanece restrito ao interior. Um coração transformado deve produzir frutos visíveis, refletindo o domínio de Cristo em todas as áreas da vida.

O Reino de Deus, portanto, começa no íntimo, mas se estende à vida pública. A cultura deve ser influenciada por princípios cristãos, e a política, guiada por valores como justiça, verdade e amor ao próximo. A missão da Igreja não é apenas salvar almas, mas manifestar o Reino em todas as dimensões da existência humana.

O Domínio Exercido na Política

Muitos cristãos sinceros dirão que o Novo Testamento não se concentra ou apoia questões políticas. Dirão também que o apóstolo

Paulo não se envolveu com questões políticas, mas simplesmente focou em “pregar o evangelho” em vez de influenciar a política, suas leis e instituições. A grande questão é que o apóstolo Paulo não só tentou mudar o panorama social e político, como também conseguiu.

É dito por muitos cristãos que o governo civil é a única área na qual nem Paulo nem os demais apóstolos procuraram provocar mudanças. Mas o que muitos não entendem é que mudanças na esfera política não se fazem apenas por meio de apoio a candidatos ou militância ideológica, e sim como Paulo fez — ensinando especificamente sobre o papel do governo civil (Romanos 13:1-7). O apóstolo ensinou que o governo civil foi instituído por Deus para “castigar o que pratica o mal” (Romanos 13:4). É inegável que a referência de Paulo ao “mal” diz respeito àquilo que é contrário à lei moral de Deus (cf. 1ª Timóteo 1:8-11). Assim, o apóstolo deixa claro que o governo civil deve governar segundo o padrão Divino do que é bom e do que é mau. Os governantes civis são chamados a punir “aquele que pratica o mal”.

O apóstolo Paulo também recomenda que “se façam súplicas, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens; pelos reis e por todos os que exercem autoridade, para que tenhamos uma vida tranquila e pacífica, com toda a piedade e dignidade”. E acrescenta: “isso é bom e agradável perante Deus, nosso Salvador, que deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1ª Timóteo 2:1-4). Creio que o primeiro passo para o domínio cristão na política é a oração em favor das autoridades.

Veja o exemplo de Sérgio Paulo, que foi uma autoridade governamental do Império Romano. Ele exercia o cargo de procônsul na ilha de Chipre, uma função equivalente à de um governador, nomeado pelo Senado romano para administrar uma província senatorial. Como tal, ele detinha autoridade política, judicial e militar naquela região, sendo um representante direto do poder de Roma.

Em Atos 13, vemos que ele demonstrou interesse na mensagem do Evangelho e, após ouvir Paulo e testemunhar o confronto com o mágico Elimas, ele creu. A conversão de Sérgio Paulo é significativa porque prova que autoridades civis podem sim ser alcançadas pela graça de Deus. Isso confirma o ensinamento de 1ª Timóteo 2:1-4, onde Paulo instrui os cristãos a orarem por “reis e por todos os que exercem autoridade”, pois isso é agradável a Deus, “que deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade”.

A salvação de Sérgio Paulo nos mostra que nenhuma posição de poder está além do alcance do Evangelho. Autoridades podem e devem ser alvo das nossas orações, pois Deus pode transformar até os que estão no topo da estrutura de poder para que sirvam ao Seu Reino.

Ao longo da história, temos visto o cumprimento gradual da promessa de que os reis da Terra trariam sua glória e riquezas para a Nova Jerusalém. Essa profecia está registrada em Apocalipse 21:24-26:

“As nações andarão à sua luz, e os reis da terra trarão a ela a sua glória. As suas portas nunca se fecharão de dia, pois ali não haverá noite. E a glória e a honra das nações serão trazidas a ela”.

Esse texto aponta para o andamento do Reino de Deus na história, quando a cidade santa, símbolo da plenitude da presença de Deus e da Igreja glorificada, será enriquecida pela conversão e rendição dos povos e de seus líderes ao senhorio de Cristo. Os reis da Terra, longe de serem apenas símbolos de oposição, são vistos aqui como instrumentos da glória de Deus, reconhecendo Sua autoridade e trazendo tudo o que possuem como tributo ao Rei dos reis.

Historicamente, já podemos ver sinais desse cumprimento. Desde o Imperador Constantino no século IV — que legalizou o Cristianismo no Império Romano — até monarcas reformados como Eduardo VI na Inglaterra, Frederico Guilherme da Prússia, e a rainha Cristina da Suécia, muitos reis e rainhas se renderam a Cristo e promoveram a Fé Cristã em suas nações. Ainda hoje, há líderes políticos em várias partes do mundo que, publicamente ou em seu coração, reconhecem o senhorio de Jesus Cristo.

Isso demonstra que o Evangelho não é apenas para os pobres e simples, mas também tem poder para alcançar os altos escalões da sociedade. Como afirma 1ª Timóteo 2:1-4, devemos orar “por todos os que exercem autoridade”, pois Deus deseja que “todos os homens sejam salvos”. A conversão de governantes e chefes de Estado não é apenas possível, mas desejada por Deus e profetizada nas Escrituras.

Portanto, a Igreja deve manter a esperança e o compromisso de orar, evangelizar e ensinar com a certeza de que os reis da Terra continuarão vindo a Cristo, trazendo consigo não apenas sua fé, mas também os recursos e a influência que serão usados para a glória de Deus. O Reino de Deus avança, e seu alcance inclui até os tronos das nações.

A partir do momento em que a Igreja se omite na esfera política, ela deixa de exercer o domínio que lhe foi concedido por Deus. Essa ausência de engajamento e de diálogo sobre questões políticas abre espaço para que maus governantes ajam livremente, sem qualquer oposição fundamentada em princípios cristãos. Isso não significa que a Igreja deva tornar-se uma militante política ou dedicar-se exclusivamente a esse tema, mas sim que a política também faz parte do Conselho de Deus sobre todas as coisas. Em tempos de governo ímpio, pode até ser necessário que a Igreja intensifique seu papel profético, denunciando o mal e clamando por justiça. A omissão política da Igreja inevitavelmente contribui para a ascensão de

governantes perversos — e os frutos disso, infelizmente, já conhecemos bem - conforme descrito em Provérbios 29:2:

“Quando o justo governa, o povo se alegra, mas quando o ímpio domina, o povo geme”.

Não estou dizendo que a Igreja deva ser de Direita, de Esquerda ou de Centro. Sobre isso, o exemplo de Jesus é claro: Ele não era herodiano, saduceu, fariseu, essênio, zelote, de César nem de Pilatos.

Cada grupo da época representava uma forma distinta de pensar e agir:

Herodianos: judeus que apoiavam a dinastia de Herodes e colaboravam com a dominação romana.

Zelotes: grupo revolucionário que queria expulsar os romanos à força.

Essênios: separatistas que viviam em comunidades isoladas, como a de Qumran (onde foram encontrados os Manuscritos do Mar Morto).

Saduceus: elite sacerdotal ligada ao Templo, conservadora nas Escrituras. Não criam na ressurreição, em anjos nem em espíritos (Atos 23:8) e aceitavam apenas a Torá escrita (os cinco livros de Moisés).

Fariseus: rigorosos na observância da Lei (Torá) e das tradições orais. Criam na ressurreição dos mortos, nos anjos, no juízo final e na soberania de Deus, ainda que também valorizassem o livre-arbítrio.

Jesus não pertencia a nenhum desses grupos e, frequentemente, criticava todos eles. No entanto, em termos de crenças teológicas e

valores morais, é inegável que havia alguns pontos de proximidade com os fariseus, como a crença na ressurreição e o zelo pela Lei de Deus — embora Jesus sempre elevasse a justiça ao nível do coração, denunciando a hipocrisia religiosa.

E aqui chegamos a um ponto importantíssimo e, muitas vezes, ignorado: a discussão sobre Direita e Esquerda.

Há quem afirme que é impossível ser neutro — que todos, em algum momento, “escolhem um lado”. Mas essa não é a verdadeira questão. É perfeitamente possível não se identificar como sendo nem de Direita, nem de Esquerda, nem de Centro — sem, contudo, deixar de reconhecer onde há mais alinhamento de valores.

No meu caso, prefiro não me declarar “de Direita”, mas reconheço que, em muitos pontos, encontro maior afinidade com os valores defendidos pela Direita do que com os de outros espectros políticos. Ainda assim, conservo a liberdade de criticar todos os grupos quando necessário, exatamente como Jesus fez em sua época: sem se aliar cegamente a nenhum partido, mas discernindo o que é justo, verdadeiro e alinhado com o Reino de Deus. Assim, o cristão poderá votar em seu candidato de Direita ou de Esquerda – caso seja mais alinhado com essa ou aquela posição -, sem, contudo ter uma bandeira pela qual defende com unhas e dentes. É fato que uma dessas posições visivelmente se mostrará que estão a serviço do mal contra o Reino de Deus ou não. Cabe ao cristão verdadeiro o discernimento. Analise as pautas e o contraditório!

Uma das grandes questões sobre o envolvimento dos cristãos na política tem a ver com a prática do bem. Tiago em sua carta, escreveu:

“Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando”.

- Tiago 4:17

Sabemos que há várias formas de se fazer o bem. Mas, muitos cristãos ignoram que uma delas é em relação à política. Ajudar a eleger representantes que tenham bom testemunho perante o povo e, principalmente, se forem cristãos de verdade, é uma maneira de colaborar com o bem de uma nação. Em Êxodo 18:21, temos o critério da escolha de líderes civis por orientação de Deus:

“Além disso, escolha dentre todo o povo homens capazes, tementes a Deus, dignos de confiança, inimigos de ganhos desonestos, e estabeleça-os como chefes de mil, de cem, de cinquenta e de dez”.

Nesse contexto, Jetro, sogro de Moisés, orienta que ele delegue autoridade a outros homens para julgarem causas menores, e isso agrada a Deus. Aqui vemos uma escolha de líderes civis e administrativos, baseada em critérios morais. Outro texto é Deuteronômio 1:13 sobre a escolha de líderes do povo, sob orientação de Moisés:

“Escolham homens sábios, inteligentes e experientes de cada tribo, para que eu os ponha como chefes de vocês”.

Aqui o povo participa da escolha, e Moisés confirma. Essa cooperação entre o povo e a liderança aponta para uma participação coletiva, como ocorre em eleições. Não adianta muitos em nosso tempo dizer que política é coisa do diabo e os cristãos não devem participar. A própria Bíblia diz em Romanos 13:1-2 que a autoridade vem de Deus, pois “todos devem sujeitar-se às autoridades governamentais, pois não há autoridade que não venha de Deus”. Todos nós temos visto o caos que é ter maus políticos em todas as esferas do poder. Se a política está fora do “bem” que devemos fazer, então temos um Deus que é limitado apenas à esfera da salvação de nossas almas, semelhante aos deuses pagãos que trabalhavam em setores específicos.

Antes de dizer que a política é coisa do diabo, saiba que essa palavra significa “arte ou ciência de governar, arte ou ciência da organização, direção e administração de nações ou Estados”, segundo o dicionário do Google. Quem de nós não pratica a arte ou ciência de governar no dia a dia? Qual de nós não é um político no trabalho, na família e no convívio com o próximo?

Os cristãos por muito tempo cruzaram os braços em relação a política, deixando de praticar o domínio sobre uma área que pertence a Deus. Agora é necessário eliminar esse ensinamento falso de que devemos ser neutros em relação à política. Sugiro a leitura de meu e-book intitulado *Cristãos devem se envolver com Política?*²

E que fique bem claro: o domínio da Igreja sobre a política não se dá por imposição, mas por meio da oração, da atuação de cristãos vocacionados para cargos públicos e pela participação ativa da Igreja na sociedade — seja denunciando injustiças, servindo com excelência ou expressando-se com fidelidade aos valores do Reino de Deus.

O Domínio Exercido na Cultura

A cultura pode ser definida como o conjunto de valores, crenças, costumes, artes, instituições, leis e expressões que moldam a vida de um povo. Ela envolve tudo aquilo que o ser humano cria e organiza para dar sentido à sua existência em sociedade. Abraham Kuyper, teólogo reformado holandês, afirmou:

² Cristãos devem se envolver com Política? César Francisco Raymundo. Site: https://www.revistacrista.org/literatura_Cristaos_devem_se_envolver_com_Politica.html Acessado dia 05/08/2025

“Não há um único centímetro quadrado em todo o domínio da nossa existência humana sobre o qual Cristo, que é soberano sobre tudo, não clame: É meu!”.³

Essa declaração resume de forma brilhante como o Cristianismo se relaciona com a cultura: Cristo reivindica todas as áreas da vida para Sua glória, inclusive a produção cultural.

A Teologia do Domínio pode também ser chamada de Pós-milenismo⁴ aplicado à cultura, e parte da premissa de que o Reino de Deus não se limita à esfera espiritual individual, mas se manifesta progressivamente em todas as dimensões da realidade. Em Gênesis 1:28, Deus ordenou:

“Frutificai e multiplicai-vos; enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves do céu, e sobre todo animal que se move sobre a terra”.

Sabemos que esse mandamento cultural, conhecido como mandato de domínio, não foi revogado pela Queda do homem, mas redimido em Cristo. Por meio de Jesus, o homem regenerado recebe novamente a capacidade de exercer domínio para a glória de Deus, transformando cultura, ciência, política, economia e todas as áreas da sociedade.

Ao longo da história, a influência do Cristianismo na cultura é inegável. Foi a cosmovisão bíblica que deu origem às universidades medievais, à ciência moderna, à dignidade da pessoa humana e aos direitos fundamentais. Francis Schaeffer, pensador cristão do século XX, destacou que quando os cristãos se afastam de sua

³ Kuyper, Abraham. *Sphere Sovereignty* (em Abraham Kuyper: A Centennial Reader, organizado por James D. Bratt, p. 488).

⁴ O pós-milenismo é a visão de que o evangelho transformará progressivamente o mundo, levando a um período de ampla justiça e paz antes da volta de Cristo.

responsabilidade cultural, a sociedade rapidamente mergulha no relativismo e na decadência moral. Ele afirmou: *

“A igreja de Cristo deve ser a luz do mundo não apenas em questões espirituais, mas também em todos os aspectos da vida”.⁵

O apóstolo Paulo também abordou essa ideia em 2ª Coríntios 10:4-5:

“As armas da nossa milícia não são carnis, mas poderosas em Deus para destruição de fortalezas, derrubando raciocínios e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo”.

Este texto demonstra que o Evangelho não se limita a converter indivíduos, mas transforma mentalidades, filosofias e sistemas de pensamento que se opõem a Deus.

Assim, a Teologia do Domínio prevê que, ao longo do tempo, o Reino de Deus irá se expandir, não por imposição violenta, mas pelo poder do Espírito Santo operando na pregação do Evangelho, no discipulado das nações (Mateus 28:18-20) e na prática de justiça, verdade e amor em todas as esferas da vida. Como escreveu Isaías 11:9:

“A terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar”.

A cultura, portanto, não é neutra; ela sempre reflete uma cosmovisão dominante. Quando moldada pelo pecado, ela promove idolatria, injustiça e autodestruição. Mas quando influenciada pelo Reino de Cristo, ela produz beleza, liberdade, ordem e justiça. O papel da Igreja é ser sal da terra e luz do mundo (Mateus 5:13-16),

⁵ “A Christian Manifesto” (Um Manifesto Cristão, 1981)

influenciando educação, arte, economia, política e ciência com os valores do Evangelho.

Em resumo, a Teologia do Domínio não significa que os cristãos devem impor um regime teocrático, mas que, ao obedecerem ao chamado de Cristo, eles irão inevitavelmente moldar a cultura ao seu redor, levando-a à submissão voluntária ao senhorio de Jesus. A história caminha para o cumprimento de Apocalipse 11:15:

“Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre”.

O Domínio Exercido na Justiça: “porque de Sião procederá a lei”

“Irão muitas nações e dirão: Vinde, e subamos ao monte do SENHOR e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos pelas suas veredas; porque de Sião procederá a lei, e a palavra do SENHOR, de Jerusalém”.

- Miquéias 4:2

A maioria das leis na cultura ocidental foram baseadas em princípios cristãos (até hoje muitas ainda são). O professor de direito australiano Augusto Zimmerman, em um artigo intitulado “A Lei acima da Lei: raízes cristãs do Direito Comum Inglês”, observa:

“A lei comum inglesa tem uma herança cristã incrivelmente rica. Os juristas mais célebres da Inglaterra - incluindo Blackstone, Coke e Fortescue - frequentemente extraíam fortemente sua fé cristã ao

expor e desenvolver os princípios e doutrinas já bem estabelecidos do direito comum”.⁶

As leis brasileiras, especialmente em sua formação histórica, foram influenciadas por princípios do direito romano, do direito português e, indiretamente, pela tradição judaico-cristã. Muitos valores fundamentais presentes na Constituição e no Código Civil refletem conceitos éticos que têm raízes bíblicas, como a dignidade da pessoa humana, a proteção à vida, a justiça e a equidade.

Por exemplo, o mandamento “Não matarás” (Êxodo 20:13) encontra paralelo no artigo 121 do Código Penal, que criminaliza o homicídio. O princípio de que “a lei deve proteger o necessitado e o vulnerável” (Provérbios 31:8-9) ecoa em dispositivos constitucionais sobre assistência social e direitos fundamentais (Constituição Federal, arts. 5º e 6º). A ideia de que todos são iguais perante Deus (Gálatas 3:28) se reflete no princípio da igualdade (CF, art. 5º, caput).

Essas citações provam o quanto a Fé Cristã influenciou nosso mundo com as leis de Deus em benefícios das pessoas. Chamamos isso de Teonomia, que é a ideia de que as leis civis de uma nação deveriam ser fundamentadas nos princípios morais revelados na Lei de Deus, especialmente nos Dez Mandamentos. Ela não defende a reprodução literal das leis cerimoniais e civis de Israel, mas afirma que os padrões éticos da Bíblia são válidos para todas as sociedades, orientando justiça, governo e cultura.

O grande problema que percebo na Teonomia é que alguns evangélicos têm centrado seus debates apenas em como aplicar a Lei de Deus como punição para determinados grupos, em vez de discutir seus princípios de justiça e transformação. No entanto, deve-se

⁶ Será que o apóstolo Paulo tentou transformar a sociedade? Por Christopher Hume. Fonte: www.postmillennialismtoday.com Acessado Terça-feira, 22 de Novembro de 2016.

lembrar que é profecia que as nações andarão nos caminhos de Deus (Apocalipse 21:24), e isso já tem acontecido sem a necessidade de o Estado impor as Leis de Deus, uma vez que as pessoas convertidas já seguem e trazem o bem à sociedade ao viver conforme a Lei Divina. À medida que o Evangelho cresce e toma conta de tudo, as leis impostas pelo Estado se tornam cada vez mais desnecessárias. Na realidade, toda a influência das Leis de Deus nos nossos códigos penais e outras legislações nada mais é do que a Igreja exercendo seu domínio já há muito tempo.

Muitos cristãos e não-cristãos acreditam que os cristãos não devem legislar sobre moralidade ou qualquer outro assunto baseado na Bíblia. No entanto, quando um cristão entra na política, é de se esperar que ele legisle com base em sua visão moral. Alguns argumentam que os cristãos na política devem lembrar que a moralidade, por exemplo, é uma questão pessoal, que não deve ser imposta aos outros. Ou seja, as pessoas não podem se incomodar por ouvirem falar de absolutos morais. O problema com essas afirmações é que toda lei é, de fato, uma forma de legislar sobre a visão de moralidade de alguém. Não há como escapar disso. Sempre haverá leis que refletem a autoridade de uma fonte, seja a autoridade divina, representada por Deus e Sua Palavra, ou a autoridade de homens falíveis e pecadores. Devemos também nos perguntar: até onde o magistrado civil tem autoridade para intervir na vida das pessoas? Devemos ser governados pelas leis de Deus ou pelos caprichos de um ditador como Ramsés, Nero, Calígula, Hitler ou até mesmo por um Supremo Tribunal Federal? Os seres humanos são propriedades do Estado ou são livres em Deus?

Se o que Deus revelou na Bíblia é verdade — e de fato o é — então podemos ter a certeza de que políticos cristãos têm plena autoridade para criar leis baseadas em sua visão de mundo, a saber: o Cristianismo. Assim como os políticos pagãos farão o mesmo criando leis a partir de suas visões de mundo.

Isso não significa que a Igreja esteja impondo sua visão de mundo, mas, ao se tornar político, espera-se que o cristão legisle de acordo com a verdade — e a Verdade é Cristo. Ou não é? De fato, é.

Capítulo 4

Teologia do Domínio e Escatologia

A Teologia do Domínio está intrinsecamente ligada a uma visão escatológica otimista, que compreende a vitória do Reino de Deus sobre todas as áreas da vida humana antes do retorno de Cristo. Para que essa teologia seja devidamente entendida e aplicada, é fundamental que se acredite em uma escatologia que considera o cumprimento das profecias de Cristo, especialmente no que diz respeito à queda e destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Esse evento foi um marco profético, o cumprimento das advertências que Jesus fez aos discípulos, como registrado nos evangelhos de Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21, bem como no livro de Apocalipse.

Jesus, de forma clara, garantiu que esses acontecimentos se cumpriram na “geração atual”, como vemos em Mateus 24:34:

“Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isso aconteça”.

Essa passagem, juntamente com outras como Marcos 13 e Lucas 21, aponta para a queda de Jerusalém como a realização das profecias escatológicas que Jesus proclamou. A destruição do Templo de Jerusalém no ano 70 d.C. não foi apenas uma catástrofe histórica, mas um cumprimento direto das palavras de Cristo, e deve ser entendida dentro da perspectiva de um Reino de Deus que já está sendo estabelecido e expandido na história.

A ideia central por trás dessa escatologia otimista é que o Reino de Deus já foi iniciado com a primeira Vinda de Cristo e está em constante crescimento e expansão. Isso é claramente ilustrado nas parábolas de Jesus, como a da semente de mostarda e do fermento. Em Mateus 13:31-33, Jesus compara o Reino de Deus a uma pequena semente de mostarda que, apesar de começar pequena, cresce e se torna uma grande árvore, oferecendo abrigo para as aves do céu. Da mesma forma, o fermento, embora pequeno, se espalha por toda a massa, ilustrando como o Reino de Deus, embora tenha começado de forma aparentemente insignificante, está se espalhando por todo o mundo, transformando a sociedade e conquistando corações e mentes. Essas parábolas garantem que o Reino de Deus continuará a crescer e a se expandir até que sua plenitude seja estabelecida.

Isaías 2:2-4 também prefigura esse crescimento do Reino, quando profetiza que, nos últimos dias, o monte da casa do Senhor será estabelecido como o mais alto dos montes e as nações fluirão até ele:

“E acontecerá nos últimos dias que o monte da casa do Senhor será estabelecido no topo dos montes, e se elevará acima das colinas; e todas as nações afluirão a ele”.

Este versículo reflete uma visão escatológica que não espera a destruição final do mundo, mas a crescente vitória do Reino de Deus sobre as nações.

Além disso, o Salmo 22, especialmente nos últimos versículos, fala da vitória e do domínio universal de Deus. No final do Salmo, vemos uma descrição do triunfo de Deus sobre todas as nações, com os reis da terra se curvando diante de sua autoridade:

“E tudo o que vivem, tornar-se-á uma geração que o serve. Eles anunciarão a sua justiça ao povo que ainda nascerá, porque ele fez isso”.

Essa visão profética também aponta para um futuro em que o domínio de Deus é reconhecido e aceito por todas as nações, algo que está acontecendo progressivamente à medida que o Evangelho avança pelo mundo.

Sem uma escatologia saudável e otimista, a Igreja fica paralisada, sem um sentido claro de missão e propósito. A falta de entendimento sobre o cumprimento dessas profecias leva muitos cristãos a se retirarem do campo de batalha, esperando que o Arrebatamento Secreto seja o evento que traga a solução para todos os problemas do mundo. Esse tipo de visão escapista tem atrasado o cumprimento do chamado de Deus para a Igreja. Ao invés de se engajar ativamente na transformação da sociedade, a Igreja tem ficado de braços cruzados, aguardando um evento futuro e nebuloso. Como resultado dessa espera e do abandono da arena pública, a Igreja deixou o controle de tudo, principalmente política e cultura, nas mãos dos ímpios. Ao aceitar essa situação a Igreja absorveu também a mentalidade de que supostamente as coisas têm de ser assim mesmo. Um destino inevitável!

Pensando nisso, não me canso de citar sempre um exemplo de quem experimentou essa mesma armadilha: a Igreja chinesa. Muitos afirmam que antes do Comunismo tomar a China, o trabalho missionário estava florescendo e o Evangelho prevalecia naquele país. A China estava sendo discipulada na Fé Cristã. Foi justamente naquela época que a ideia do Arrebatamento Secreto foi apresentada aos crentes chineses, os quais a abraçaram. Em 1947, Mao Tse Tung introduziu o Comunismo na China e os mesmos missionários ocidentais que promoveram a doutrina do Arrebatamento Secreto, acabaram por deixar aquele país. Então o governo, agora comunista, perseguiu intensamente a Igreja chinesa. Em meio àquela perseguição, o fato é que a preocupação que dominou a Igreja chinesa foi rapidamente deixada de lado quando os pastores lembraram aos crentes chineses sobre o Arrebatamento Secreto,

dizendo-lhes que eles não suportariam a perseguição, mas que escapariam nesse evento. Eles estavam errados! O que aconteceu é que milhões de cristãos chineses foram torturados até a morte e o movimento comunista continua até os nossos dias. O teólogo Ponce Leon nos informa que, como “resultado, mais de 70.000.000 milhões de chineses morreram. A Igreja chinesa foi ensinada que o mundo estava piorando e não havia nada que pudessem fazer além de esperar que Jesus os arrebatasse para fora daqui”.⁷

Por outro lado, com a visão de um Reino de Deus que já está em crescimento, a Igreja entende que sua missão é ocupar e conquistar, pregando o Evangelho e fazendo discípulos de todas as nações. Ela deve ser uma presença ativa na política, na educação, na economia, na cultura e em todas as esferas da vida humana. A escatologia otimista, quando corretamente entendida, leva a Igreja a cumprir sua missão de dominar a Terra com os princípios do Reino de Deus, transformando a cultura e a sociedade conforme os valores eternos estabelecidos por Cristo.

Portanto, sem essa escatologia saudável, a Igreja perde seu poder de transformação e se torna irrelevante, aguardando passivamente pelo fim dos tempos. Lembre-se do exemplo da Igreja chinesa visto acima. A escatologia otimista, no entanto, ensina que a Igreja deve ser uma força ativa de mudança, confiando que o Reino de Deus se expandirá e que, no final, todas as coisas serão restauradas sob o domínio de Cristo.

⁷ Replacing the Rapture - Effectively Win the Nations by Replacing the Rapture with the Great Commission - pg. 102. Ponce Leon. Copyright © 2017 Ponce Leon. All rights reserved. Edited by Freda Artichoker.

Conclusão

Teologia do Exílio ou Teologia do Domínio?

Além da Teologia do Domínio, há também a chamada Teologia do Exílio. Seus defensores creem que, embora Deus seja dono de todas as coisas na “era da Igreja”, Ele age como um “proprietário ausente”. Nessa visão, Cristo estaria em um repouso sabático, como se fosse um Deus exilado. Em outras palavras, reconhecem Seu senhorio apenas em discurso, mas, na prática, retiram Dele o exercício efetivo de Seu poder.

A partir disso, lembram que os cristãos devem se ver como Abraão, que “era estrangeiro e peregrino na terra” (Hebreus 11:13). Por isso, exortam os crentes a colocarem suas afeições “nas coisas do alto e não nas que são da terra” (Colossenses 3:2), vivendo como peregrinos (1ª Pedro 1:17).

Essa perspectiva, segundo eles, é reforçada por Paulo, que aponta para uma esperança futura:

“Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós”.

- Romanos 8:18

Por outro lado, segundo o ministro Larry Ball, os “defensores da Teologia do Domínio citam textos como Habacuque 2:14 que diz:

“Pois a terra se encherá do conhecimento da glória do SENHOR, como as águas cobrem o mar”.

E também citam que o Reino de Deus é como um grão de mostarda que é pequeno quando é plantado, mas cresce tornando-se uma árvore, de modo que “as aves do céu vêm e se aninham nos seus ramos” (Mateus 13:32). O fermento é muito pequeno, mas se multiplica com um poder fenomenal (Mateus 13:33). Também devemos negociar até que Ele venha (Lucas 19:13). Devemos orar para que o reino de Deus venha, e as evidências da presença de seu reino é que a vontade de Deus está sendo feita na terra como é feita no céu (Mateus 6:10). O reino é maior do que a igreja. Os cristãos devem deixar as especulações destruindo toda fortaleza que se ergue contra o conhecimento de Deus, e estamos levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo (2ª Coríntios 10: 5). Por fim, devemos esperar ter sucesso em nossos esforços (Mateus 28:18-20)”.⁸

Diante dessas duas perspectivas — Teologia do Exílio e Teologia do Domínio —, o leitor tem apenas uma alternativa: posicionar-se a favor de uma delas. É perfeitamente possível estar ao lado da Teologia do Domínio e, ao mesmo tempo, manter a esperança do Céu após esta vida. No entanto, não é possível adotar a Teologia do Exílio, pois ela reconhece apenas a realidade do Alto e ignora a obra que Deus deseja realizar neste mundo por meio de Sua Igreja.

Lembre-se sempre: “aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando” (Tiago 4:17). Você tem consciência de que, por meio do seu trabalho no Reino de Deus, deve dar bom

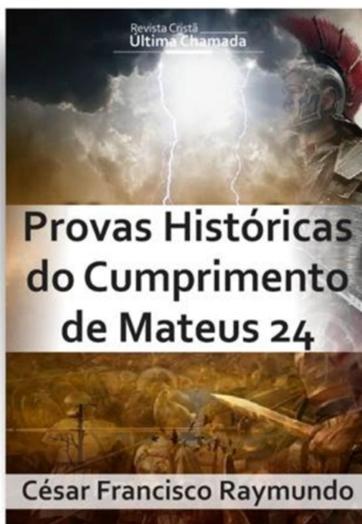
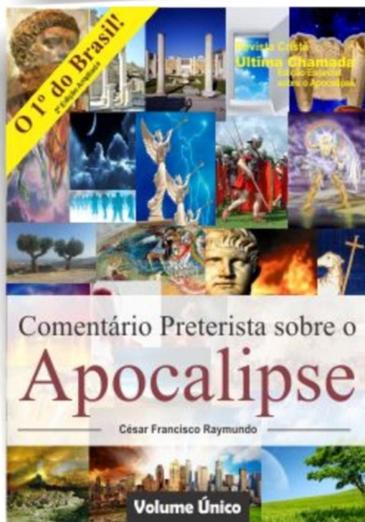
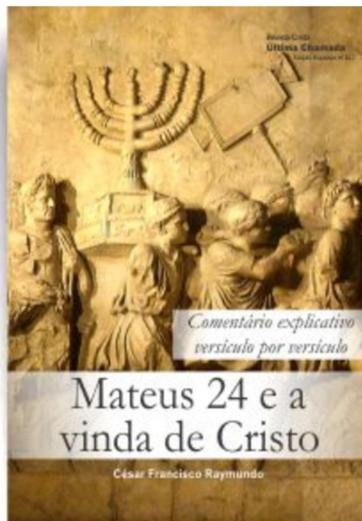
⁸ Teologia do Exílio x Teologia do Domínio: Porque Isso Afeta Tanto à Vida dos Cristãos e o Mundo? Por Larry Ball. Site: www.theaquilareport.com Acessado quinta-feira, 15 de novembro de 2014

testemunho e promover o bem de Cristo neste mundo. Se você não o fizer, os homens maus o farão, ocupando o “vácuo” ou “espaço” que você deixou. E não se engane: toda omissão e falta de serviço no Reino será exposta, pois “Deus trará a julgamento tudo o que foi feito, inclusive tudo o que está escondido, seja bom, seja mal” (Eclesiastes 12:14).

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança
Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO
PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



revista cristã
última chamada

Refutando o
Amilenismo
Dispensacionalismo
Pré-milenismo
Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?